

DE LAUZUN A INDEPENDÊNCIA¹

Manoel Beserra Machado²

Em 31 de agosto de 2020, vi a live de lançamento do “Livro de Lauzun” onde começou a Pedagogia da Alternância, (GRANEREAU, 2020). As palavras de Thierry sobre Pe. Ibiapina, fez interessar-me mais por uma live da URCA (Universidade Regional do Cariri), poucos dias depois, sobre o Pe. Ibiapina. Lá ouvi o Rosemberg Cariry falar do Pe. Malagrida, um possível inspirador de Ibiapina, que atuou no Brasil no século XVIII. No YooTube, vi o filme: “Malagrida”. Aí, fui puxando o fio da meada: nós (camponeses/as sonhando uma nova educação na região de Crateús) - Fragoso - Granereau - Ibiapina - Malagrida - Anchieta - Jesus...

I. PARA CHEGAR À EFA (Escola Família Agrícola) DOM FRAGOSO

Terminando a leitura do “Livro de Lauzun”, onde começou a Pedagogia da Alternância, fiquei a pensar: puxa, o contexto da França, nos anos 1920... já era de esvaziamento do campo, o que nos veio a acontecer 50 anos depois, no Brasil! Achava que a situação do campo lá (mesmo pré, com, pós-guerra) era bem melhor que a nossa... Não imaginava, também, que entre os padres e bispos, já houvesse sensibilidade para a problemática social, a ponto de liberar Granereau para tal obra. E, como as “Casas Familiares” se espalharam rapidamente (depois: “Casas familiares de aprendizagem rural”...)!

A leitura me deu muita alegria porque vi que aqui, como na França, a possibilidade de uma EFA fez acender-se uma chama para as famílias camponesas. E quanta gente foi se juntando a nós, acreditando na possibilidade, defendendo e divulgando a proposta, se dispondo a fazer alguma coisa, a partilhar, a colaborar... Parecia um contraste com o que se ouvia de outras pessoas, até descrentes da viabilidade. Foi isso que nos deu força para assumir a empreitada.

¹ Texto produzido para reflexão na semana pedagógica da EFA Dom Fragoso que aconteceu de 07 a 11 de dezembro de 2020.

² Formado em Filosofia e Teologia, em Fortaleza (UECE e ITEP). Padre da Diocese de Crateús - CE. Assessor da CPT e PJR; participante da criação da Escola Família Agrícola Dom Fragoso, de Independência - CE e membro de sua equipe de assessoria.

A alegria veio, também, por reviver nossa peleja, desde a visita à EFA de Ji-Paraná, em 1991, Ir. Siebra e eu. Da nossa luta como equipe pastoral de Independência, da qual Ana Mirta e Roginaldo, atuais colaboradores, fizeram parte, e de outras pessoas de Independência e da Diocese de Crateús, para que criássemos a EFA Dom Fragoso e a fizesse funcionar. Levou-me a recordar a situação em que vivíamos, as perguntas/observações que algumas pessoas faziam:

Antes de tudo: Por que uma EFA? Dará certo? Pra ser aonde? Quem vai botar pra frente? Onde conseguir recursos para comprar o terreno, construir prédios, etc.? Onde conseguir um local ideal? Tem jovens interessados numa escola desse tipo? O campo tem futuro?

Quando começamos a pensar a Associação: É loucura uma escola no meio do mato, com homens e mulheres, juntos! Os/as jovens vão querer? Os pais e mães vão consentir? Camponeses/as têm dinheiro para isso?

Quando compramos o terreno: O Pe. Gerardo Fabert, da nossa diocese, garantiu o dinheiro para a compra do terreno. Compramos. No mesmo dia, a proprietária vizinha botou cadeado na cancela que dava acesso ao local e não cedeu pra ninguém, mesmo tendo eu que ir implorar! Tivemos que andar mais uns 12 km, para chegar ao local da construção e sem estrada. Juntamos um mutirão de voluntários para fazer tijolos na Várzea Grande, queríamos uma construção com materiais da própria região, mais parecida com as nossas casas. Quando já havia muitos tijolos feitos, caiu chuva, alagando tudo. O acesso ficou intransitável. Tivemos que mudar de plano. Maria Stela Bezerra, que era do Conselho, logo encampou uma campanha para a compra de blocos.

Quando conseguimos algum recurso: Uma comunidade franciscana de Dortmund – Alemanha - se dispôs ajudar-nos, com os recursos para a construção dos primeiros prédios e nos primeiros anos de funcionamento. Veio-nos a pergunta: o que é mais urgente construir, já que não dá pra tudo? Como transportar materiais, pessoas? Onde vamos encontrar pessoas que topem assumir, com gosto? Onde, como e com que recursos preparar essas pessoas?

A construção começada: De onde virão os/as estudantes? Dá pra improvisar tudo na casa que havia na propriedade adquirida (atual casa dos monitores/as)? Onde e como conseguir os equipamentos básicos, etc.? Quem dá o quê, pra gente começar? Como encontrar tempo para acompanhar o processo, numa paróquia tão grande, quando tínhamos que acompanhar cerca de 90 comunidades no interior e as da cidade...?!

Com o andamento e ainda hoje: como permaneceremos fiéis à inspiração, ao projeto inicial? Como ajudar a quem chega hoje, “com o bonde andando”, 20 anos depois, a tomar

conhecimento de todo esse processo, valorizar o esforço feito e assumi-lo, também com gosto? O que fazer para ajudar às pessoas mais novas a valorizar tudo que foi conquistado e construído, com dinheirinho curto, sem admitir desperdício, desleixo, extravagâncias...?

O que fazer e como para que a EFA responda, sempre de novo, aos desafios que a realidade vai apresentando, mas sem se render ao Estado, ao sistema. E, aprofundando as questões básicas do campo e dos seus povos; ficando os pés no chão semiárido, com suas riquezas e particularidades; trabalhando a dimensão comunitária - o Bem viver; fazendo valer valores humanos universais...

II. MERGULHANDO NO LIVRO DE LAUZUN

Sem ter a pretensão de fazer só, ou de retomar toda a abordagem de Granereau, elenquei vinte pontos, que julgo merecerem uma revisão da nossa parte, para que possamos avançar na compreensão e prática da Pedagogia da Alternância, no Ceará. Imagino que vamos encontrar tempo para, juntos/as, botar em comum as anotações que fizemos, refletir e tirar consequências.

1. Granereau constata a realidade da França dos anos 1920...: o campo ia perdendo sua inteligência para o mundo urbano. Diziam: permanece no campo quem é ignorante. Aí é o lugar da ignorância, do atraso. Ir para a cidade significava: perder a terra, o amor por ela, a ligação profunda com a mãe terra.

Como é essa realidade, entre nós, 100 anos depois? O que há de novo? Estamos convencidos/as de que vale a pena apostar no campo? Acompanhamos as discussões sobre o campo, no Brasil?

2. A escola era só para homens. Depois, surge a ala feminina, mas separada e, depois, com alguns momentos juntos. Viram que era bom! Têm o lazer, conjunto, uma vez ou outra, a participação na missa... Reflete sobre o namoro como algo que poderia vir depois...

Nós, desde o início, ousamos trabalhar com rapazes e moças. Tem sido desafiador, mas importante. É claro que exige mais maturidade e responsabilidade da equipe como um todo. Nem sempre se reflete sobre a importância desse tempo de convivência, para a maturidade afetiva. Deixamos que os pares se formem e, anos a fio, namoram e, nem sempre, aproveitam bem o tempo de formação. Ficamos inseguros/as para discutir e enfrentar o desafio?

3. Parece que a formação básica que os adolescentes tinham na sua família era mais sólida. Granereau não fala da comunidade. Na época, dava-se o ajuntamento na capela, para a missa...

Muitos dos nossos educando/as provêm de “famílias quebradas”, dos avós que cuidam, dos pais que trabalham na cidade...; muita dependência do celular, da internet e pouca atenção à convivência, ao assumir dos vários serviços, em casa, etc. Como suprir essas carências, criar um lastro (família: rocha) para construir a casa? Quando não há família, há uma comunidade que pode se comprometer, que pode contribuir nesse processo formativo e ser ajudada, também?

4. Mesmo sabendo que a educação não era o papel da Igreja, Granereau começou o seu trabalho educativo, procurando envolver toda a Igreja e o Estado, nem sempre com êxito. Com isso, conseguiu contribuir para mudar a proposta de educação agrícola, com recursos para isso e para mudar a realidade francesa.

Mais do que naquele tempo, entendemos que a educação do campo é um direito dos povos do campo e um dever do Estado. Mas, ainda temos que assumir uma escola comunitária para ser fermento do novo. Temos isso sempre em mente, ou, muitas vezes, queremos andar a reboque do que determina o Estado? O que vai fazer a diferença?

5. Granereau não fala da escola, pelas quais passavam os meninos e meninas franceses. Será que era melhor que as nossas? Eles e elas aprendiam a ler, escrever, etc.? Como chegavam à Casa Familiar? Não dá pra perceber como era.

Entre nós, sabemos da deficiência. Muita gente chega ao ensino médio sem saber ler e escrever, sem capacidade de pensar, de interpretar um texto, de fazer perguntas... O que começamos – e chamamos uma semana de “nivelamento” – está dando certo? Tem ajudado aos mais fracos a crescerem na autoestima e se abrirem para o diálogo...? Que outros momentos propiciamos para isso, permitindo que os mais tímidos/as falem, se expressem e não apenas algumas/alguns mais soltos/as?

6. Elementos da Escola de Lauzun: o internato para a formação integral; as bases do ensino geral; a alternância: trabalho intelectual e manual. Havia um professor e um formador. O professor assumia todas as aulas, de todas as disciplinas.

Hoje é bem diferente: cada professor/a, dentro da sua especificidade. Um problema: quando não há integração dessas disciplinas todas, pelo menos por área de conhecimento, o que acontece: um conhecimento fragmentado, desconectado... Estamos avançando nessa linha, retomando a ajuda do João Begnami, de alguns anos, que insistiu e preparou conosco as bases para isso?

7. Outro elemento da formação em Lauzun: o lado religioso. No final da obra, Granerau admite que em vez de “educação religiosa”, deve-se trabalhar a formação humana:

os valores, mas nunca subestimando a dimensão espiritual, qualquer que seja a comunidade espiritual a que a pessoa pertença ou nenhuma.

Nós cuidamos disso, sabendo que todos/as se dizem cristãos, para que o sejam de verdade? O que oferecemos, neste sentido?

8. A “Casa Familiar” não tinha unidades produtivas. Confiavam quase todas as práticas às famílias. O/a jovem ia aprendendo junto com pai e mãe, para não se achar superior a ele/a. Os pais levavam isso muito a sério.

A gente tem ideia como isso acontece entre estudantes e as famílias que acompanhamos? Sentimos, por exemplo, que é dessa forma que deve se desenrolar o PVFC? Na avaliação e apresentação desse processo (final do 3º ano), envolvemos a família? Por que aceitamos que o/a jovem vem sozinho/a, no final de tudo, fazer a sua defesa?

9. Na parte do trabalho intelectual, a ser realizado em casa - uma ou duas horas por dia. Assim era o exigido, a fim de dar continuidade às aulas teóricas.

Como aferimos isso com nossos/as estudantes? Eles estudam em casa ou apenas se limitam a fazer a “pesquisa”? Hoje, com a facilidade de encontrar tudo na internet, dá pra perceber algum esforço mental? Há sinais de que eles e elas estão aprendendo a pensar?

10. A turma ficava “nas mãos de um educador/a: mentes ensinantes (instrução) e mentes educadoras (preparação para a vida)”. Isso em diálogo. Aos poucos, eles foram sentindo a necessidade de integrar as duas dimensões. Não bastava o diálogo.

Estamos convictos de que somos, ao mesmo tempo, uma coisa e outra? Com a figura do monitor, isso está tranquilo: temos professores/as-educadores/as, de verdade? Basta ter um curso superior qualquer para ser um educador? De que formação específica sentimos necessidade ou buscamos?

11. Princípio geral, na escola de Granereau: confiança, não vigilância: “amai-vos uns aos outros”.

Esse mandamento é de Jesus, é cristão, mas pode ser assumido por toda e qualquer religião e por quem não tem religião. Favorecemos a vivência do amor, na prática? Dos cuidados uns com os outros/as.

12. Pais e mães (Granereau quase não fala delas): os verdadeiros responsáveis pelos filhos e filhas e pelo processo educativo. Os educadores/as o são, não apenas dos/as estudantes, mas também das famílias.

Estamos botando força para que seja assim mesmo? Procuramos as famílias, antes de acolher os/as jovens, para conhecê-las, saber das suas disposições, da sua abertura e comprometimento com o processo educativo? Para fazer, junto, o diagnóstico? Como

avançar? Dá pra admitir alguém sem uma família (independentemente do tipo de família) para firmar esse compromisso? Por que não continuar insistindo em juntar pais e mães, com um plano de formação, que não seja apenas ligado à EFA e à pedagogia da alternância?

13. Granereau deu uma atenção a quem já tinha mais idade (os “fora de faixa”), a quem precisava de uma formação de nível superior, à formação de quadros.

Ficamos 3 anos com os/as jovens que, depois “desaparecem” e chegam outros/as. Por que não pensarmos em oferecer uma continuidade de formação, de nível superior, sobretudo para aqueles/as mais desejosos de continuar sua formação, sem sair do campo? Por que não pensamos naqueles/as que poderão ser educadores/as do campo? Por que não insistir (ou motivar com mais insistência) numa articulação dos egressos?

14. Granereau ressaltou o papel da cozinheira/ecônoma/o, também educativo: cuidar para oferecer uma alimentação variada, saudável, não deixar desperdiçar nada...

Não cuidamos da formação da pessoa que tem essa função, de muita importância. E, muitas vezes, ela faz o que sabe, não valoriza muito o que produzimos (o que vem da roça), deixa se estragar o fruto da partilha de quem deu tudo. Entendemos que ela é, também, uma educadora da turma? E que cuidar da alimentação, a partir do que produzimos, deve fazer parte da formação dos/as jovens?

Não definimos quem tem a missão de “ecônomo/a”. Ai, tudo fica entregue a todos/as e termina não sendo ninguém.

15. Em Lauzun, era claro o assumir das “lideranças”: nos vários espaços e momentos, ao longo do dia.

Educar para a responsabilidade, para assumir liderança, é fundamental, num mundo empobrecido em todos os sentidos. Houve um tempo em que se falou mais do “protagonismo” e se fez mais nesse sentido. Por que não retomar isso? É até mais exigente para o educador/a – tem que acompanhar, avaliar, retomar... É claro que responsabilizá-los não significa deixar tudo entregue a eles/as.

16. Em Lauzun, havia momentos diários de formação (3, ao longo do dia) e avaliação. O educador estava sempre com a turma, perto ou acompanhando a uma certa distância.

Quais são mesmo os momentos mais formativos que temos? Consideramos como fazendo parte “a mística” - preparada e assumida por eles e elas, sem preocupação com algo mais consistente? É o “serão”, quase sempre sobre temas gerais? É bom quando vem alguém de fora, mas se não conhece a turma, não sabe das reais necessidades, a que leva: mais conhecimento, apenas? Temos algum momento diário de avaliação das atitudes,

posturas, envolvimento nas coisas, etc.? Quem cuida disso? Pe. Géu, nos anos que se demorou mais na EFA, insistiu muito na “pedagogia da presença”, ao estar com a turma, todos os momentos. Refletimos sobre isso, estamos dando continuidade?

17. A criação do sindicato, num estilo diferente do que é o STTR hoje, entre nós. A preocupação era com a criação e formação de uma entidade do campo que pensasse a vida do campo e ajudasse a enfrentar seus problemas. Como parte de sua responsabilidade estava a formação dos seus e suas jovens, com uma outra mentalidade e capacidade de contribuir com o seu meio.

Estamos levando em conta a ligação que o/a jovem tem com o Sindicato, a Associação do seu lugar, ou... selando um compromisso mútuo? Ou apenas cobramos apoio do Sindicato, o “pagamento” de uma mensalidade?

18. Em Lauzun, havia uma séria preocupação com as boas maneiras: como portar-se à mesa, o trato com as outras pessoas; como portar-se num ambiente de aula, festividade, celebração, pontualidade ao horário combinado...

A gente dá bom exemplo, nesse campo? A gente se preocupa com isso, acha importante? Procura corrigir, quando percebemos falhas?

19. Granereau sentiu a necessidade de um boletim informativo, mesmo com equipamentos muito simples, para divulgar o trabalho. Entre eles tinha um “propagandista”, que ia de lugar em lugar, de família em família...

Na era da informação, nós damos importância à divulgação do que fazemos, regularmente, ou só quando as pessoas pedem? Divulgamos a EFA aonde vamos, ou vamos aos eventos... para divulgá-la? Se vamos em nome da EFA, que consequências tem tido isso? Temos atraído jovens à EFA ou temos que correr atrás, quando se aproxima o final do ano?

20. Granereau sentiu a necessidade de articular as Casas Familiares, criando a União Nacional, etc., para garantir a fidelidade ao povo do campo (cada região com o seu específico); como uma forma de ajudar na expansão e no fortalecimento do movimento. Não para uniformizar, nem dirigir.

Começamos, com EFA Dom Fragoso, dando a marca da convivência com o semiárido, como fazem as EFAS ligadas à REFAISA, da Bahia. Temos crescido e contribuído para a reflexão e a convivência com o semiárido? Estamos somando com as outras que vão surgindo no Ceará e fortalecendo a união? Ou cada um/a vai fazendo a seu modo, uma competindo com a outra...?

Há questões que, na época de Granereau, ainda não eram postas, como: a agroecologia, sustentabilidade, agricultura e criatório adaptados ao clima. Não havia,

também, as inúmeras facilidades de hoje, advindas da produção cultural, do acesso à internet; da facilidade de veicular informações, conhecimentos, partilhar práticas, trabalhar com audiovisuais, etc. Daí porque podemos fazer avançar, muito mais, a Pedagogia da Alternância. Como isso pode acontecer?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRANEREAU, Abbé. **O livro de Lauzum onde começou a pedagogia da alternância.**

Fortaleza: Edições UFC, 2020. Disponível em

<http://www.editora.ufc.br/images/imagens/pdf/2020-o-livro-de-lauzun.pdf>.